

Memórias da era dourada do rádio: fragmentos do passado

Memories of the golden age of radio: fragments of the past

Luiz Carlos MIYASHIRO¹

Resumo

Este artigo apresenta considerações sobre a memória individual do rádio na forma de recordações conforme o prisma da memória nos conceitos de Nora, Halbwachs, Meneses e Le Goff. Expõe também a barreira entre a memória do rádio e sua história com o passar do tempo, pois os atuais momentos de convergência criam homogeneidade nas identidades, dificultando a nitidez de uma memória viva. Foi necessária a introdução de alguns aspectos da programação das décadas de 1940 e 1950 para reforçar o quão marcante foi esse período para grande parte da população brasileira, que tinha nesse meio a única fonte de entretenimento e informação.

Palavras-chave: Memória. Rádio. História do rádio.

Abstract

This paper presents considerations for individual radio memory in the form of memories according to the prism of memory on the concepts of Nora, Halbwachs, Meneses and Le Goff. Also exposes the barrier between the radio's memory and its history during the passage of time, because the current convergence moments create homogeneity in identities, making the sharpness of a living memory. It was necessary to introduce some aspects of programming of the decades of 1940 and 1950 to reinforce how remarkable was this period for much of the Brazilian population that has in this tool the only source of entertainment and information.

Keywords: Memory. Radio. Radio History.

Introdução

Além do caráter informativo e de entretenimento, o rádio transformou o cenário dos anos de 1940 e 1950, com uma identidade que permanece até hoje, embora fragmentada. A exclusividade de uma fonte de entretenimento, cultura, esporte e

¹ Mestrando em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro – UNISA.
E-mail: lcmiyashiro@uol.com.br

noticiários no âmbito doméstico fez do rádio um elemento essencial para o cotidiano dos brasileiros.

O rádio teve um papel apaziguador no meio das tensões da Segunda Grande Guerra por meio de programações que desviavam as atenções para o entretenimento. Ouvir radionovelas era como entrar em um outro mundo de constantes suspenses, emoções, lágrimas e alívios, embasados na ciência do divertimento, a fim de evitar maiores preocupações. Os programas de auditório, de humor, de esporte, além de programas culturais, recheados por propagandas ingênuas de produtos variados, completavam as atrações do rádio, o qual a “dona de casa” podia ouvir sem interromper suas tarefas domésticas e, à noite, servir como atração para a família reunida.

As revistas especializadas reforçavam a audiência do rádio, criando ídolos e mostrando a vida pessoal dos artistas.

Após a chegada da televisão, a magia mudou de local, e o rádio ficou no esquecimento, ressurgindo mais tarde com o advento do transistor, mas sem aquela antiga magia das décadas de 1940 e 1950. Mesmo com as inovações e todo o aspecto útil para a sociedade, o rádio nunca mais foi o mesmo a ponto de criar dependências emocionais ou imagens de sonho e nostalgia.

Quem vivenciou aquela época teve o privilégio de guardar em sua memória as lembranças de momentos alegres e ingênuos. E essa parte da memória vai se diluindo, restando apenas algumas imagens e poucos sons, pois o presente não gera memórias físicas nem psíquicas, incorporadas em uma memória coletiva de muitas nuances e diminutos sentimentos.

O que era o rádio?

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil aconteceu no centenário da Independência, em sete de setembro de 1922, com um transmissor no Morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, em que foi ouvido o pronunciamento do Presidente Epitácio Pessoa por meio de 80 receptores importados.

O início da implantação da radiofonia no Brasil foi marcado por uma programação elitizada na qual a música clássica era a principal atração para poucos

receptores instalados em clubes e sociedades, já que seu custo era elevado para a aquisição particular. “No início, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesia, concertos, palestras culturais...” (ORTRIWANO, 1985, p. 14). Com o advento da publicidade na programação, as emissoras, visando uma audiência maior, começaram a oferecer programações variadas e com mais atrativos.

A massificação do rádio se tornou mais evidente na década de 1940. Com o custo mais acessível, as famílias já podiam adquirir um receptor para suas residências, ainda em dimensões e peso comparados a um aparelho de televisão de tubos, servindo, por vezes, como um mobiliário.

Naquele tempo, todos os lares tinham, pelo menos, um aparelho de rádio, estrategicamente visível e impoluto sobre o móvel mais importante da sala. Era, na verdade, uma espécie de altar: a caixa de madeira falante ficava quase sempre no centro, como uma imagem a ser cultuada por todos da família. Ao lado do aparelho, tanto à direita como à esquerda, um abajur, um cinzeiro, um bibelô de louça ou castiçais com suas velas enceradas – brancas, vermelhas ou azuis (AGUIAR, 2007, p. 13).

A cena da família reunida em torno da principal atração da casa tornou-se uma das imagens marcadas na memória de quem vivenciou aquela época em que a apreensão de mais um capítulo da novela, dos resultados dos confrontos de países na Segunda Guerra Mundial, da alegria de programas de auditório ou dos risos dos programas humorísticos eram a tônica do ambiente.

Não havia imagens nítidas a apreciar, mas se estimulava um cenário maior chamado imaginação. A sonoplastia e as interpretações nas radionovelas, os detalhes narrativos do locutor esportivo e o emocional passado na transmissão radiojornalística davam origem a cenas personalizadas que, mesmo irreais, traduziam o sentimento de quem as emitia.

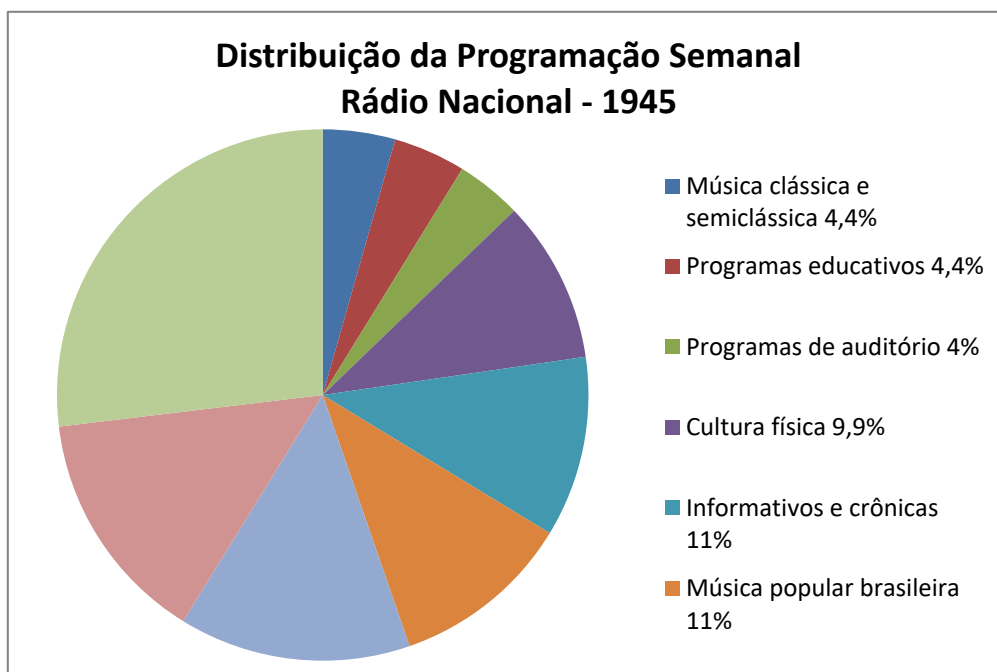
A importância do rádio na época era maior do que a da televisão nos dias atuais. O rádio tem a vantagem de permitir a execução de várias tarefas, sem necessidade de interrupção. Um dos picos da Rádio Nacional, a principal emissora da época, era no horário das 11 horas da manhã, onde a “dona de casa” fazia suas tarefas domésticas, incluindo o almoço, enquanto ouvia as radionovelas. As interrupções nas tarefas somente aconteciam em momentos decisivos de tramas envolventes.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro foi a emissora mais atuante na época dourada do rádio, investindo em uma rica produção.

[...] é inaugurada a emissora que acabaria por tornar-se a maior lenda do rádio brasileiro. Às 21 horas do dia 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e, a seguir, a voz de Celso Guimarães anunciava: “Alô, Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro” [...] Contava com seis estúdios, um auditório de 500 lugares, operando com dois transmissores para ondas médias (25 e 50 kW), e dois para ondas curtas (cada um com 50 kW), conseguindo cobrir todo o território e até o exterior com seu sinal que chegava a atingir a América do Norte, a Europa e a África (ORTRIWANO, 1985, p. 18).

Aguiar (2007, p. 14) comenta que a Rádio Nacional detinha cerca de 70% da audiência contra apenas 10% da segunda colocada, a Rádio Tupi, permanecendo por quase duas décadas na liderança das rádios do Brasil em razão de sua gigantesca estrutura no prédio “A Noite”, na Praça XV do Rio de Janeiro, com um elenco de cantores, profissionais de dramaturgia, comediantes, apresentadores, figuras que se tornaram partes integrantes da memória do rádio.

Figura 1 - Programa da Rádio Nacional de 1945



Fonte: Gilberto de Andrade, *Jornal do Commercio*, 10 ago. 1945. SAROLDI (2005, p. 106).

Na figura, podemos observar que os programas culturais ainda tinham uma parcela significativa na programação, com informativos, crônicas e música clássica.

A radionovela ou radioteatro que aparece na segunda colocação da programação, com 14,3%, em 1945, alcançou sucesso a ponto de, em 1950, ocupar quase metade da programação, conforme citação de Aguiar (2007, p. 87). A primeira radionovela surgiu em 1941, numa adaptação de uma radionovela cubana.

O dia 5 de junho de 1941 ficou na história do rádio brasileiro como a data mais importante do radioteatro ou, mais precisamente, da novela radiofônica. Os relógios marcavam dez e trinta da manhã quando a voz cava do locutor Aurélio Andrade, em meio aos acordes da música “La Golondrina”, anunciou ao microfone da Rádio Nacional: “Senhoras e senhores, o famoso Creme Dental Colgate apresenta... (acordes de La Golondrina) o primeiro capítulo da empolgante novela de Leandro Blanco, em adaptação de Gilberto Martins, *Em busca da felicidade* (acordes de La Golondrina)” (AGUIAR, 2007, p. 85).

Tamanho sucesso forçou a direção da novela a estender sua duração, deixando-a por dois anos no ar. Outras novelas também alcançaram esse patamar de permanência. “O Direito de Nascer”, com início em 8 de janeiro de 1951 e término 1 ano e 9 meses depois, foi a novela mais famosa do rádio, atingindo picos de 73% de audiência, com 260 capítulos. Segundo Aguiar (2007, p. 92), entre 1941 e 1959 a Rádio Nacional lançou 807 títulos de novelas com 118 autores.

As tramas envolvendo suspense contínuo, alimento para a criação de dependências do ouvinte, resultavam em altos índices de audiência com incentivo proporcional dos patrocinadores. A receita é a mesma dos dias atuais.

As radionovelas ficaram na memória dos ouvintes, não só pela trama, seus efeitos sonoros e interpretações da equipe de atores, mas também pela figura do grupo de atores e atrizes identificáveis pelas revistas de rádio da época. O subconsciente tem a tendência de fixar melhor as imagens do que os sons. Essa relação traz a imagem do ator ou atriz no momento da locução na forma de resgate. Quanto mais profunda for a devoção do ouvinte pela figura do intérprete, maior também será seu grau de fixação no momento da locução.

O envolvimento do público ouvinte era tão profundo que as agressões verbais contra atores e atrizes eram comuns, pois eles se transformavam em vilões graças a fiéis interpretações de seus personagens, misturando ficção com realidade.

Randal Juliano, integrante da Rádio Panamericana, conta, na obra de Faria (1994, p. 87), que quando Nélio Pinheiro e Sônia Maria, o par romântico de muito sucesso na época, aparecia, “[...] era um grande carnaval. Atrás deles seguia uma multidão em busca de autógrafos e fotografias, demonstrando a força do rádio naquela época”.

A mais famosa revista periódica sobre o rádio foi a “Revista do Rádio”, lançada em 1948, que trazia matérias sobre os personagens do rádio incluindo biografias, fotos, curiosidades, vida pessoal, fazendo aumentar a devoção pelos programas radiofônicos. Passados 80 anos, essa busca por informações sobre a vida pessoal dos artistas continua a mesma, com a diferença na velocidade da informação, já que as inverdades ainda seguem o mesmo caminho. Os exemplares da revista estão disponíveis hoje na Internet por meio do órgão “Hemeroteca Digital Brasileira”, de 1948 a 1970, formando uma base rica de consultas para os apreciadores do rádio, mas o mesmo não ocorre com os registros de áudio, que são escassos por causa da não gravação dos programas na era dos aparelhos valvulados. Outras revistas merecem destaque, como a “Carioca”, “Noite Ilustrada” e a maior rival da Revista do Rádio, conforme Calabre (2003), a “Radiolândia”, lançada em 1953.

Publicações literárias com característica de almanaque, como as obras “Almanaque da Rádio Nacional” (que inclui um CD com aberturas de programas e jingles) e “Histórias que o rádio não contou”, são exemplos de registros de memória do rádio de valioso cunho histórico, rico em informações textuais e registros fotográficos. Calabre (2003) também cita “Bastidores do Rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje”, de Renato Murce, de 1976, “Bagaço de Beira-Estrada”, de 1977, e “Na rolança do tempo”, de 1979, ambos de Mario Lago.

Os registros da “época de ouro” do rádio brasileiro compõem-se de mais impressos do que vozes. Era incomum a gravação de programas.

As emissoras de rádio não costumavam preservar a documentação, principalmente aquela ligada ao setor de programação em geral. O

rádio era feito completamente ao vivo. Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. Somente eram gravados os programas especiais, os comemorativos ou quando, por um motivo qualquer, não pudessem ser realizados ao vivo. Mesmo assim, depois de irradiados os programas, as emissoras não costumavam guardá-los (CALABRE, 2003, p. 1).

Uma das exceções, quando se trata da ausência de registros de memória do rádio, é o registro de músicas dos cantores da época. Mesmo em vinil, com a rotação 78 (setenta e oito rotações por minuto), a preservação foi possível, e hoje a maioria das composições dos artistas da época está disponível em formato digital.

A música, que também encantou os momentos daquele período com artistas marcantes, como Francisco Alves, o “Rei da voz”, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Carlos Galhardo, Dorival Caymmi e as rainhas do rádio Marlene, Emilinha Borba, Nora Ney, Dircinha Batista, Dalva de Oliveira, podem ser apreciados hoje de forma *online*. Na época do rádio valvulado, o som continha ruídos, não havia o som estéreo, nem as tecnologias, como a mixagem do som, mas o encanto da época compensava essas deficiências. A admiração quase que divina por artistas, a ligação das letras com o sentimento de paixões não correspondidas, a ingenuidade das mensagens musicais, a rivalidade entre Marlene e Emilinha, entre outros, traziam uma identidade forte da época e que resultaram em lembranças marcantes para os ouvintes.

Tanto nas radionovelas como na apresentação dos cantores, o rádio criou uma legião de fãs que, reforçados pela mídia impressa, tinham como seus ídolos os principais artistas do rádio, beirando o limite do “humano” com o “sobrenatural”. A mídia reforçava essa imagem, pois isso aumentava a audiência, as vendas de revistas e dos produtos anunciados.

Os artistas de rádio das décadas de 1940 e 1950 tinham consciência do papel de vedetes, de olímpianos, a eles destinado e costumavam cumprir todos os rituais impostos pela fama. Cercados de fãs-clubes, convivendo com um público ávido por informações sobre os seus cotidianos, os artistas de rádio alimentavam a imagem dessa figura mista de seres humanos normais e de estrelas. As entrevistas e depoimentos publicados pelos jornais e revistas da época deixam transparecer a intencionalidade da manutenção do mito. E para isso

era fundamental uma constante publicidade sobre a vida pessoal e profissional (CALABRE, 2003, p. 2).

Essa admiração por ídolos de maneira prolongada reforça também os registros da memória individual. Suas imagens mostradas em publicações e reforçadas mentalmente pelos programas radiofônicos acompanhavam o público da época.

Outro ponto marcante foi o radiojornalismo, com as transmissões do “Repórter Esso”. Uma parada no meio de uma programação tendo ao fundo a vinheta do maestro Carioca criava na população uma expectativa sobre um fato inédito que seria anunciado. O “Repórter Esso” iniciou suas atividades no dia 28 de agosto de 1941, no meio da Segunda Guerra Mundial, e encerrou suas atividades em 31 de dezembro de 1968. Marcou as bases do radiojornalismo nacional, com fundamentos praticados até hoje. Teve a voz de Heron Domingues, seu principal locutor, por 18 anos. Ortrivano (2002-2003) cita que “durante os 27 anos em que esteve no ar, o Repórter Esso deu em primeira mão as principais notícias do Brasil e do mundo, sempre fazendo jus a seus slogans: ‘Testemunha ocular da história’ e ‘O primeiro a dar as últimas’” .

Os programas de auditório também caracterizaram a era de ouro do rádio com as famosas “macacas de auditório” que, entre delírios e gritarias por seus ídolos, agitavam as tardes de sábado.

Lembranças, retenção e desaparecimento

A lembrança de fatos distantes que marcaram algum ponto de nossa existência ainda é a maior representação da memória no ser humano. LE GOFF (1990, p. 367) afirma que “só pagando este preço compreenderemos um dia a natureza da recordação humana que impede tão prodigiosamente as nossas problemáticas”, falando das atividades perceptivo-cognitivas, cujo preço vem na necessidade de organização ou de adaptação.

As recordações da era de ouro do rádio não se concentram somente na recordação dos programas radiofônicos da época, mas sim do contexto envolvido. A lembrança se prende a determinados pontos da memória, como um *flash*, relacionando-a com um acontecimento do presente. Se o presente exigir uma garimpagem de certos

momentos do passado, ela vai ocorrer. O compartilhamento da lembrança com outros interlocutores reforça os pontos da memória podendo gerar sentimentos emotivos.

As nuvens que cobrem uma imagem de nossa mente, fazendo-a assemelhar-se a um sonho, trazem mais emoções que a visualização de uma fotografia de formas nítidas, guardadas as proporções, no significado de cada lembrança.

[...] O idoso se interessa pelo passado bem mais que o adulto, sem que siga que esteja em condições de mencionar mais lembranças deste passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que as imagens antigas, enterradas no inconsciente desde sua infância, só então “encontrem a força de cruzar o limite máximo da consciência” (HALBWACHS, 2008, p. 633).

O passar da inconsciência para a consciência é como o ato de pescar. A isca é uma oportunidade do presente, seja uma conversa, a apreciação de um filme nostálgico, o ato de ouvir uma canção de uma “rainha do rádio”, o vislumbre de uma foto; a fígada é a ligação efetivada, e o puxar é a imagem resgatada.

Essa comparação serve de objeto para introduzir a lembrança que o rádio traz para a vida de ouvintes fiéis. Podem ser imagens de fisionomias, de cenários de locais ou de sons que agora se perdem na tentativa da ação da recordação. “A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências” (MENESES, 1992, p. 10).

A recordação é acionada por elementos externos, como imagens e sons, relacionados a publicações, reportagens ou conversas informais ligadas ao presente conforme o conceito citado por MENESES (1992, p. 11): “A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitação do presente”. O presente não significa necessariamente uma dependência do passado para a solução de um questionamento, mas esse passado certamente formou a estrutura do presente em um processo de aprimoramento.

Quando há uma evolução tecnológica no objeto utilizado, a tendência pelo usuário é o esquecimento da tecnologia ultrapassada e a fixação nas novidades para a utilização do objeto atual. A recordação somente do aparelho rádio não causa tantas marcas quanto o ambiente que ele proporcionou.

O companheiro de milhões de pessoas durante décadas deixa marca indelével que se fundem com as ações perdidas no tempo. Vozes se transformam em imagens no momento do ouvir, tal como fotografias, que fazem o cenário tomar vida novamente. Quando se conhece o locutor de uma voz por meio de uma fotografia, uma imagem, uma aparição, o reviver do som traz a imagem esquecida e o som se transforma numa imagem fixa, com vozes ativas. Para LE GOFF (1990, p. 366), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Na década de 1970, havia um programa matinal, sertanejo, entre cinco e sete horas da manhã, com a voz vibrante do locutor “Zé Bettio”, que acordava milhões de paulistanos utilizando o jargão “joga água nele!”. Era um programa bem humorado, que marcou milhões de pessoas pela locução peculiar. Estão disponíveis na internet vários arquivos desse programa. Como foi uma atração marcante, de grande audiência na Rádio Record e na Rádio Capital, a memória do programa ainda está presente na recordação do ouvinte e nos meios físicos, ambos na forma de áudio, já que o locutor não se apresentava na mídia e muitos ouvintes nunca o viram.

Hoje, nos tempos de multiplataformas da comunicação e de alta tecnologia, é possível reviver muitos dos sons do rádio, talvez poucos na medida em que regredimos no tempo. “Numa época muito recente, os desenvolvimentos da cibernética e da biologia enriqueceram consideravelmente, sobretudo metaforicamente e em relação com a memória humana consciente, a noção de memória” (LE GOFF, 1990, p. 368).

O rádio informa, auxilia, presta serviços, esclarece, emociona, decepciona, alegra, entristece, cria ódios, parabeniza, motiva, ensina, modifica hábitos, acalma, traz lembranças. Todos esses efeitos se perdem na lembrança, mas transformam vidas no processo gradativo de ouvir, reter ideias, acumular conhecimentos, mudar comportamentos, fundir conceitos e tomar ações decisórias.

A memória individual que o rádio proporciona não é marcante, não cria vínculos profundos, não se materializa normalmente. Como uma nuvem que se dissipa ao raiar do sol, ela se perde na lembrança. Sobre esse descarte involuntário mental, MENESES (1992, p. 16) afirma: “Se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a

mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso aponta-la também como dependente de mecanismos de seleção e descarte”.

Conforme passa o tempo, a recordação se transforma em “novidade”, como visitas a museus, que expõem objetos desconhecidos no presente mais pela forma do que pela utilidade. E a recordação vai se aproximando de objetos concretos, finalizando um ciclo de memória individualizada, exclusiva ou pelo menos reduzida a níveis bem particularizados. “E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente [...]” (MENESES, 1992, p. 10).

A lembrança de aparelhos de rádio com seu funcionamento à base de válvulas remete o ouvinte à época da família reunida para ouvir as radionovelas, como uma sonografia, que transformavam o som, mesmo de baixa qualidade, em cenografias reais a ponto de levar os ouvintes às lágrimas, semelhante às novelas televisivas de alto impacto emocional.

O público da época pode recordar tais fatos, porém, a lembrança maior ainda é a do presente e a de um passado recente. As imagens reais marcam mais do que os sons. Como diz MENESES (1992, p. 11), “[...] a heterogeneidade que pode estar presente na memória individual e, mais amplamente, na de grupos e coletividade, torna seu resgate uma ilusão”.

A televisão chegou e a magia do rádio desapareceu, mas não completamente, pois, por obra da tecnologia, trouxe a sua miniaturização, transformando-o novamente em um meio de comunicação de massa junto com seus atrativos e benefícios. A magia se converteu em instrumento de comunicação e utilidade por meio do rádiojornalismo, colunas culturais, de entretenimento, com os programas esportivos, de ponto de apoio com os programas religiosos e de bem-estar e motivação pela música. NORA (1993, p. 7) comenta sobre a memória devido ao ressurgimento de um objeto: “Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação”.

A memória então se perde. As imagens de aparelhos de rádio em forma de mobília, rádios valvulados, “radinhos de pilha” ou de imagens de grandes locutores do passado, das cantoras do rádio, do Repórter Esso, cuja nostalgia nos remete à lembrança

de épocas ingênuas, de um “branco e preto” fortemente ligado às emoções de infância, hoje se diferenciam pelos sons que não são sons de rádio e imagens, que não são imagens da rádio, numa homogeneidade carente de identidade, mas, como cita HALL (2014, p. 103), “[...] está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada”, e também LE GOFF (1990, p. 410), quando afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

O companheiro de milhões de brasileiros teve uma época áurea no formato diminuto chamado de “radinho de pilha”, presente nos estádios de futebol, sempre colocado ao ouvido como o companheiro que informa a escalação do time, o jogador que está de posse da bola e o autor dos gols. Era visto também como companheiro de senhores na praça principal da cidade, fonte das músicas caipiras, partidas de futebol e noticiários.

Hoje, a voz do rádio aparece nos aparelhos celulares, *tablets*, computadores, TV a cabo, mas, pela pesquisa de mídia (PBM 2016), 60% dos que ouvem rádio o fazem ainda por meio de aparelhos receptores convencionais. Boa notícia para os apreciadores do rádio, que acreditam no receptor convencional como um símbolo a ser preservado.

A grande perda da memória do rádio é ela se tornar História, como cita NORA (1993):

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993, p. 9).

Temos como consolo o fato de que a memória do rádio pode transformar a recordação em outra característica, ou seja, o da representação de um passado que foi

origem de um presente. A raiz de uma árvore centenária não se apresenta visível para os que creem somente nos olhos perceptivos materiais, mas continua cumprindo o seu papel de absorver os nutrientes do solo e de encaminhá-los para até a última folha da copa. A memória não morre nem deixa de cumprir uma ação somente pela sua utilidade no presente, pois ela cumpre seu papel na mente de projetistas multidisciplinares pela ação do ver, ouvir e sentir, além de participar da obra atual em forma de essência estrutural. “A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto” (MENESES, 1992, p. 14).

A memória do rádio se baseia em vestígios de lembranças impalpáveis e condenadas ao esquecimento, fotos de aparelhos antigos, cartazes e áudios inaudíveis, mas deveria pertencer ao conjunto de elementos de um cenário maior, como o cinema hollywoodiano, que presta homenagens a filmes, diretores e atores antigos em monumentos que não se deterioram facilmente e que fortalecem o conceito de memória. Citando LE GOFF (1990, p. 411), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Para NORA (1993, p. 15),

“[...] à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história”.

A história do rádio sempre vai estar incompleta pela falta de evidências que poderiam mostrar o cenário integral que o meio rádio provocou nas décadas de 1940 e 1950. As evidências materiais, como os aparelhos valvulados no formato de mobília, gravações de sons de locuções com excesso de ruído e revistas em preto e branco com imagens sombrias, não refletem o que tais objetos causaram na época de carência tecnológica, comparadas aos dias atuais, mas elas trouxeram um excesso de sentimentalismo saudável.

Considerações finais

A memória individual dos que estiveram presentes na era de ouro do rádio e que apreciaram e usufruíram da transmissão desse meio é caracterizada por um conjunto de imagens e sons que não se restringem apenas à sonoridade e às imagens derivadas dos efeitos narrativos. As figuras e sons são derivados também do ambiente que o meio rádio criou, cujo significado constitui uma reação entre a memória coletiva e a individual em uma filtragem que envolve emoções particularizadas.

A utilização dos conceitos de memória de Nora, Halbwachs, Meneses e Le Goff teve a intenção de procurar demonstrar como os pontos de recordação, retenção e desaparecimento ocorrem, relacionando com aspectos da época de ouro do rádio. A intenção central do trabalho não foi a de explicar o mecanismo de movimentação da memória, mas de avivar um meio de comunicação, de um determinado período, que apesar de ter deixado contribuições e marcas a uma geração, não tem a valorização merecida devido ao efeito do “ultrapassado”.

A memória do rádio tem como principal símbolo a imagem de um rádio antigo, valvulado. Não era um eletrodoméstico de entretenimento, parecia que tinha vida. Que bobagem, diriam hoje. Os que viveram a época dourada do rádio sabem o que ele significava e quais eram os seus efeitos. Pessoal de sorte...

Referências

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da rádio nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

CALABRE, Lia. **A era do rádio: memória e história**. ANPUH – XXII Simpósio Nacional da História – João Pessoa, 2003.

FARIA, Álvaro Alves de. **Jovem Pan, 50 anos**. São Paulo: Maltese, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória nos idosos e a nostalgia do passado**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 21, p. 633-658, 2008. Disponível em <<http://www.foxitsoftware.com>>. Acesso em: 02 jan. 2018 .

- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MENESES, Ulpiano T. B. de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-24, São Paulo, 1992.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, v. 10, dez. 1993.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dez./fev. 2002-2003.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.
- SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virginia. **Rádio nacional**: o Brasil em sintonia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Editora Harbra, 1999.